

Discurso de Luiz Inácio Lula da Silva
Prêmio Lech Walesa
Gdansk, Polônia
29 de setembro de 2011

É uma grande honra, para mim, receber este prêmio da fundação que leva o nome do companheiro Lech Walesa, que liderou a luta dos trabalhadores poloneses pela democracia.

Acredito ter sido escolhido para recebê-lo porque os senhores também queriam homenagear o Brasil e o povo brasileiro.

E eu, por isso, o compartilho com os 191 milhões de brasileiros e brasileiras.

As razões pelas quais o prêmio Lech Walesa foi instituído, em 2008, são as mesmas que levaram este operário a deixar os estaleiros desta cidade para ser o presidente da Polônia: a luta pela liberdade, a organização dos trabalhadores, a defesa do papel dos sindicatos, a justiça social, a compreensão entre as nações, a luta por um futuro melhor e, claro, a solidariedade, em todos os sentidos.

Nós, brasileiros, acompanhamos com interesse e preocupação todos os eventos que envolveram a cerimônia de entrega do prêmio Nobel, em Oslo, em 1983, quando o senhor foi impedido de sair da Polônia e pediu que sua esposa, Danuta, o representasse.

A sua conquista foi também a nossa vitória, a vitória dos trabalhadores.

Minhas amigas e meus amigos,

Nossas biografias têm vários pontos em comum. Nascemos ambos de famílias pobres, em regiões distantes da sede do poder. Não concluímos todos os níveis da escola formal, e começamos a trabalhar cedo.

O senhor nasceu em 1943 e conseguiu sobreviver à tragédia da guerra. Eu nasci quando a guerra terminou e consegui sobreviver a outro flagelo: o da fome. Fome que, ainda hoje, tira a vida de milhões de pessoas, principalmente nos países pobres.

O senhor foi trabalhar como eletricitista nos estaleiros de Gdansk, que, na época, se chamavam Estaleiros Lênin.

Eu fui trabalhar como metalúrgico em São Bernardo do Campo.

Lideramos movimentos dos trabalhadores que ousaram enfrentar regimes autoritários e deram um basta à repressão.

Ambos fomos presos, ambos lideramos greves dos trabalhadores que abriram as portas para a redemocratização de nossos países.

No Brasil, acompanhávamos atentamente as notícias sobre a greve dos trabalhadores dos estaleiros de Gdansk.

Aliás, em 29 de agosto de 1980, assinei um artigo chamado “Brasil-Polônia, a ironia do destino”, publicado num jornal brasileiro, em que eu comentava a greve de 150 mil trabalhadores poloneses e sua pauta de reivindicações.

Eu a comparei à greve de 150 mil metalúrgicos, quatro meses antes, em abril, na cidade onde eu atuava, São Bernardo do Campo, no estado de São Paulo.

A ironia do destino a que o título se referia era o fato de que os mesmos setores que criticavam a greve dos metalúrgicos brasileiros elogiavam a greve dos poloneses, alegando que os companheiros poloneses queriam o retorno do regime capitalista.

Mas eu escrevi: “O que nós percebemos é que, em qualquer regime, uma coisa elementar precisa ser assegurada: que a classe trabalhadora seja respeitada”.

Constituímos partidos: o senhor, o Solidariedade, que se transformou em movimento político depois de atuar decisivamente contra o autoritarismo, e chegou a ter milhões de simpatizantes.

Eu fundei o Partido dos Trabalhadores, porque entendia que os trabalhadores do meu país tinham direito a voz e vez, para mostrar seu papel e seu valor na democracia.

O senhor foi eleito o primeiro presidente da República da Polônia, após a redemocratização.

Eu fui eleito, em 2002, o primeiro trabalhador na Presidência da República. E reeleito em 2006.

Cada um a seu modo, nos empenhamos primeiro em mudar o seu respectivo país, para, depois, contribuir para mudar a face do mundo.

Embora criados ambos sob ditaduras, aprendemos a acreditar na democracia e nas suas virtudes, a confiar na sabedoria do povo e na força do diálogo.

A nossa origem pobre nos deu força para reivindicar justiça e igualdade de oportunidades a todos.

Na época em que o Partido dos Trabalhadores foi constituído, estudantes e operários brasileiros usavam camisetas com o nome Solidariedade, em polonês, e seu lindo logotipo.

O senhor dizia: “O Solidariedade não vai ser dividido, nem destruído”.

Nós fazíamos do Partido dos Trabalhadores o maior partido de massas da história do Brasil com o slogan “Nossa voz, nossa vez”.

Nessa trajetória, fomos muitas vezes tachados como pessoas despreparadas, incapazes de conduzir a luta sindical.

Nossos críticos desconhecem, contudo, que os operários não aceitam nem toleram falsas lideranças.

Minhas amigas e meus amigos,

Com a queda do Muro de Berlim, eu disse que se abria uma grande oportunidade para que os partidos de esquerda pensassem projetos diferentes de sociedade e para que nos livrássemos de dogmatismos. Por causa disso, fui muito criticado.

Era um momento que exigia ousadia. Era hora de propor soluções democráticas, nascidas do diálogo, de buscar novos caminhos, na direção de uma economia mais justa, socialmente responsável, sem atribuir todo o poder ao mercado.

Infelizmente, a oportunidade não foi aproveitada, e hoje o mundo paga o preço do fracasso de uma aventura irresponsável daqueles que transformaram a economia mundial num gigantesco cassino. Entraram em crise paradigmas defendidos de forma arrogante por muitos daqueles que, agora, estão sendo levados pela tempestade especulativa que eles próprios semearam.

Ficou claro que o mercado é incapaz, sozinha, de oferecer soluções economicamente consistentes e, ao mesmo tempo, socialmente responsáveis.

Logo que a crise financeira eclodiu, no final de 2008, eu dizia que o Brasil estava bem preparado para enfrentá-la, pela solidez macroeconômica e do sistema financeiro, pela força do mercado interno.

Assim como a Polônia, o Brasil resistiu aos efeitos da especulação com derivativos em outros países.

Nossos países cresceram substancialmente no ano passado e têm todas as condições de manter este período de prosperidade, confiando num mercado interno fortalecido, na geração de empregos, na distribuição de renda e na inclusão social.

Nos últimos anos, realizamos no Brasil, de modo pacífico e democrático, uma verdadeira revolução econômica e social.

Depois de prolongada estagnação, o Brasil voltou a crescer de modo vigoroso e continuado, gerando empregos, distribuindo renda e promovendo inclusão social.

Em oito anos e meio, foram criados 16 milhões de novos empregos formais. O salário mínimo teve um aumento real de 62%, e todas as categorias de trabalhadores fizeram acordos salariais com ganhos acima da inflação.

Além disso, implantamos vários programas de transferência direta de renda, dos quais se destaca o programa Bolsa Família, no final do ano passado, beneficiava 52 milhões de pessoas.

Nesse período, realizamos programas sociais, distribuimos energia elétrica por todo o país, inauguramos universidades e escolas técnicas federais, democratizamos o acesso dos mais pobres às universidades públicas, lançamos um alentado programa de infraestrutura que mudou a face do Brasil e descobrimos imensas jazidas de petróleo na camada de pré-sal do vasto litoral brasileiro.

Graças a um novo projeto de desenvolvimento nacional, com forte envolvimento da sociedade e intensa participação popular, conseguimos tirar 28 milhões de pessoas da miséria e levamos 39 milhões de pessoas para a classe média, no maior processo de mobilidade social da nossa história.

A soma de todos esses fatores fez o brasileiro recuperar sua autoestima, apesar da turbulência econômica mundial. Deixamos para trás um passado de frustrações e ceticismo.

Os brasileiros e as brasileiras voltaram a acreditar em si mesmos.

Aprendemos que não existe nada mais transformador do que a força da verdadeira democracia. Aquela que não abafa os conflitos, mas multiplica mecanismos de participação para resolvê-los. Aquela que periodicamente renova os consensos majoritários, indispensáveis à governabilidade e aos grandes ciclos de desenvolvimento requeridos pela justiça social.

Minhas amigas e meus amigos,

Sei que temos na Polônia um grande parceiro na Europa. Sua Presidência na União Europeia certamente permitirá uma maior aproximação entre nossos países.

Nossa diversidade geográfica e histórica não deve ser vista como algo que nos distancia. Em vez disso, deve servir de estímulo para que nos conheçamos mais, para que aprofundemos nossa cooperação e aproveitemos nossas complementaridades.

A expressiva contribuição trazida pelos imigrantes de origem polonesa ao Brasil tem papel importante na sólida amizade que nos une.

O Brasil foi o primeiro país da América Latina a reconhecer a Polônia unificada e independente, em agosto de 1918, e, logo em seguida, o governo do eminente pianista e compositor Ignacy Paderewski.

Muitos intelectuais e empresários poloneses se fixaram no Brasil.

Ainda hoje funciona no Rio de Janeiro a Associação Polono-Brasileira Ruy Barbosa, fundada em 1928.

Tenho certeza de que, trabalhando juntos e mais próximos, poderemos incrementar ainda mais as relações bilaterais de intercâmbio.

A Polônia tem a maior renda per capita dentre os países do Leste Europeu.

Possui uma economia consistente, queda nos déficits orçamentários e no desemprego, e uma democracia estável. É um grande exportador de máquinas e matérias-primas.

Minhas amigas e meus amigos,

Ao agradecer pela maneira calorosa e fraterna como eu e minha delegação fomos acolhidos, quero expressar minha convicção de que o mundo vive uma nova primavera democrática.

Acompanhei o movimento pela democracia no Egito, a Revolução de 25 de janeiro. Enquanto assistia às cenas pela televisão, fui ficando cada vez mais entusiasmado pelo caráter do movimento, liderado por jovens de todas as camadas sociais, que protestavam de forma não violenta contra o desemprego, a pobreza, a falta de oportunidades políticas, econômicas e sociais. Contra a falta de liberdade e democracia.

Um movimento de resistência civil que persistiu, apesar da brutalidade da repressão policial, lutando por uma democracia legítima, com espaço para participação e representação.

Um movimento que teve sequência em outros países do Oriente Médio e chama a atenção do mundo todo e que traz no seu bojo o mesmo espírito das lutas dos trabalhadores de Gdansk, de São Bernardo do Campo e de outros movimentos libertários.

Agradeço a Fundação Lech Walesa pelo prêmio que me confere e que tem um significado todo especial para mim, por reconhecer o esforço que fizemos e fazemos no Brasil para reduzir a desigualdade social e para fortalecer o papel dos países em desenvolvimento no cenário mundial.

Muito obrigado.